

UNIVERSO (FORA) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Trabalho de Conclusão de Curso

S/t:

"sem título": como estão referenciadas muitas das obras nos arquivos do hospital psiquiátrico
são pedro.

S/t:

ANTI TE SE SER
não se sabe o título, não há titulação, referência, nomeação, autoria.

S/t:

sem tempo.

TECER SER
ANTÍTE SE, SER

S/t:

silêncio. testemunho.

transbord

texturas de urdidura
texturas de olidos em si menor

Tecitura: urdidura e trama de um tecido; conjunto dos fios que se cruzam e se atravessam no tear.

Tessitura: composição e construção musical; disposição das notas para se acomodarem a uma determinada voz ou a um dado instrumento.

Cecília Suñé Novossat
Planeta Terra
Primavera
2015

UNIVERSO (FORA) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Trabalho de Conclusão de Curso

A brincar com os antítulos possíveis

ANTI TE SE SER
TE CER SER
ANT Í TE SE, SER

transbord

tecturas de ouvidos
tessituras de olvidos em si menor

Tecitura: urdídura e trama de um tecido; conjunto dos fios que se cruzam e se atravessam no tear.

Tessitura: composição e construção musical; disposição das notas para se acomodarem a uma determinada voz ou a um dado instrumento.

Cecília Süné Novossat
Planeta Terra
Primavera
2015

<https://www.youtube.com/watch?v=JeY2ojRkSys>

Eu vi um menino correndo
Eu vi o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino

Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei

Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha

Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista
O tempo não para e no entanto ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo
Do fogo das coisas que são
É o sol, é a estrada, é o tempo, é o pé e é o chão

Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
E a coisa mais certa de todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol
É o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha

um dos inícios

O "resumo da proposta" para a Comissão de Graduação, do Curso de Psicologia da UFRGS:

"Um caminho na formação... muitos caminhos, ramificações, afluentes, rizomas onde qualquer questão leva arrasta joga jorra a outras infinitas interrogações do desassossego desse caminho (de)formando um mapa de dimensões variáveis que busca encontrar FORMA-AÇÃO em algum tempo-espaço e no poder saber da academia provocar rachaduras"

Formações: durezas, durações, memória e esquecimento

(esta) escrita

Abandonar de uma vez essas palavras. Deixar que vão, fazê-las irem. É preciso parar para falar *disso*. Mas *isso* não nos deixa parar.

Riobaldo talvez não tenha parado entre as veredas do sertão grande, e/mas teceu bonito mapa, caminhos de correntezas, leitos de vastos rios. "Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se fôr jagunço, mas matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente pra fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente sabe que está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!"

Como atribuir palavras-forma ao processo vivo de formação incessante? Que suspensão, que suspiro podemos construir nesta escrita para que ela venha, que ela devenida, que ela devaneie? Trans-bordando suas linhas para tecer com linhas já tecidas ditas sem querer concluir, seguir fazendo-se, extravasando matérias vivíveis ou vividas: um processo, uma passagem da vida em travessia.

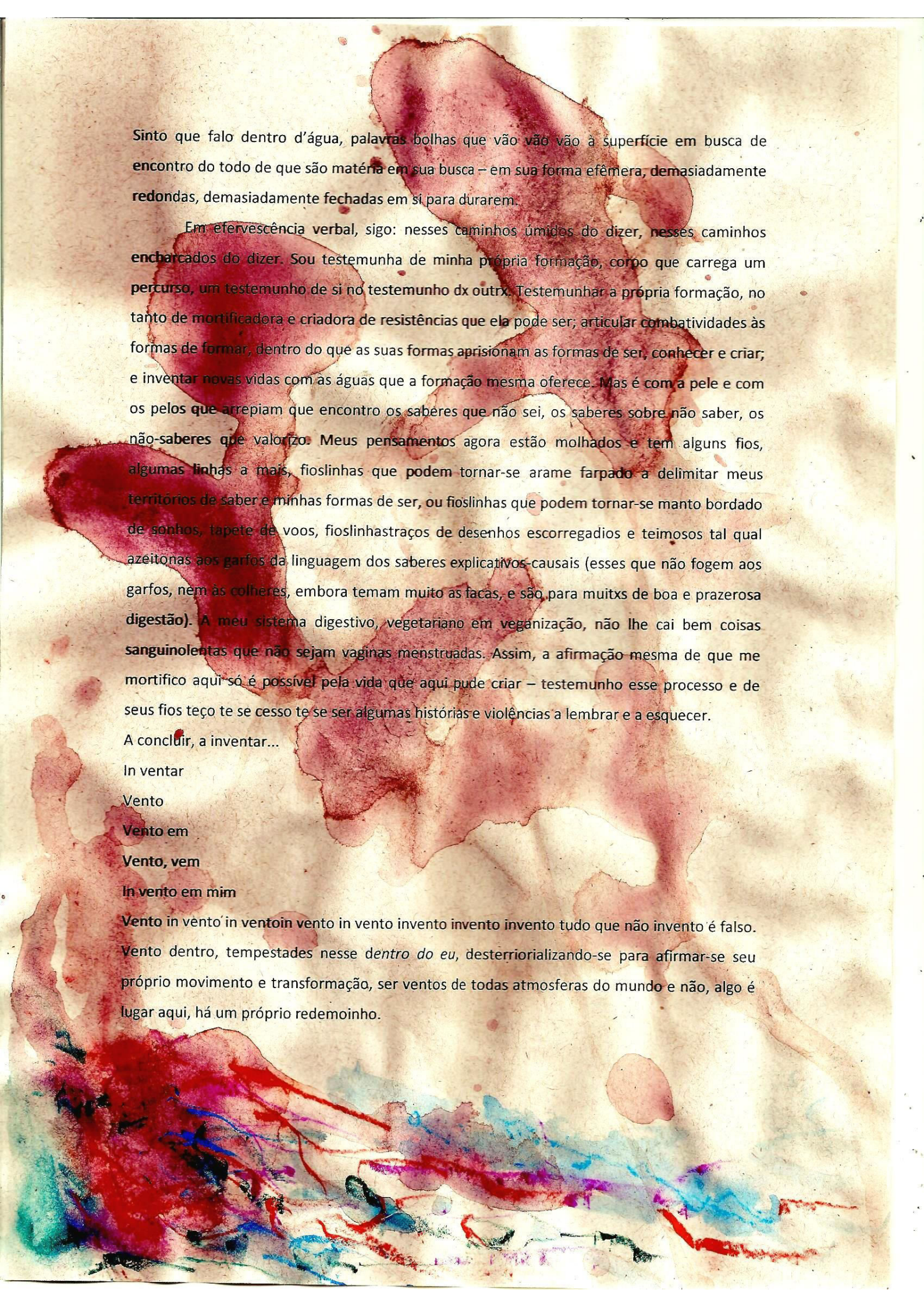
Palavra viva.

A escrita sobre as coisas é uma nova coisa: não há registro de uma produção sem que seja ele mesmo uma produção... uma escrita deriva: Lançamos o barco; planejamos a viagem; quem navega é o mar.

E/mas mar tem correntes.

São elas a condição de navegar; são o próprio movimento e a condição para ele. São o que conduz e o que aprisiona.

Aquí vamos escriturar testemunhos: a presença e escuta que conferem *forma possível* ao inenarrável em seu desdobrar-se. Assim como se questiona como conferir palavra ao indizível, redimensiono e interrogo-me: como conferir forma possível a esta escritura, como navegar em suas correntes, se o que preciso falar para sentir que estou dizendo alguma coisa está além, está antes e depois da palavra?



Sinto que falo dentro d'água, palavras bolhas que vão vão vão à superfície em busca de encontro do todo de que são matéria em sua busca – em sua forma efêmera, demasiadamente redondas, demasiadamente fechadas em si para durarem.

Em efervescência verbal, sigo: nesses caminhos úmidos do dizer, nesses caminhos encharcados do dizer. Sou testemunha de minha própria formação, corpo que carrega um percurso, um testemunho de si no testemunho de outro. Testemunhar a própria formação, no tanto de mortificadora e criadora de resistências que ela pode ser; articular combatividades às formas de formar, dentro do que as suas formas aprisionam as formas de ser, conhecer e criar; e inventar novas vidas com as águas que a formação mesma oferece. Mas é com a pele e com os pelos que arrepiam que encontro os saberes que não sei, os saberes sobre não saber, os não-saberes que valorizo. Meus pensamentos agora estão molhados e tem alguns fios, algumas linhas a mais, fioslinhas que podem tornar-se arame farpado a delimitar meus territórios de saber e minhas formas de ser, ou fioslinhas que podem tornar-se manto bordado de sonhos, tapete de voos, fioslinhastreços de desenhos escorregadios e teimosos tal qual azeitonas aos garfos da linguagem dos saberes explicativos-causais (esses que não fogem aos garfos, nem às colheres, embora tenham muito as facas, e são para muitos de boa e prazerosa digestão). A meu sistema digestivo, vegetariano em veganização, não lhe cai bem coisas sanguinolentas que não sejam vaginas menstruadas. Assim, a afirmação mesma de que me mortifico aqui só é possível pela vida que aqui pude criar – testemunho esse processo e de seus fios teço te se cesso te se ser algumas histórias e violências a lembrar e a esquecer.

A concluir, a inventar...

In ventar

Vento

Vento em

Vento, vem

In vento em mim

Vento in vento in ventoin vento in vento invento invento invento tudo que não invento é falso.

Vento dentro, tempestades nesse *dentro do eu*, desterritorializando-se para afirmar-se seu próprio movimento e transformação, ser ventos de todas atmosferas do mundo e não, algo é lugar aqui, há um próprio redemoinho.

<https://www.youtube.com/watch?v=Q03QjHyDyMw>

Essa música que eu canto agora eu fiz com Caetano, Bethania gravou, chama-se Iansã e eu gosto muito dela.

Que é muito da gente, mesmo, é muito do jeito que a gente sabe, intui, a existência da imanência.

Da imanência e da transcendência

Um dia eu ainda vou me redimir por inteiro do pecado do intelectualismo

Se deus quiser

Não vou mais ter necessidade de falar nada

De ficar pensando em termos desconstruídos de tudo

Pra tentar explicar às pessoas

Que eu não sou perfeito

Mas que o mundo também não é

Que eu não to querendo ser dono da verdade

Que eu não to querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e de mais alguém

Que é o tempo

O verdadeiro grande alquimista

Aquele que realmente transforma tudo

Um pequenino grão de areia

É o que eu sou

Só que um grão de areia já conseguiu

Sendo tão grande ou maior do que eu

Ser bem pequenininho

E não

Não precisar se mostrar mais

E fica lá

Trabalha em silêncio

Mas mineiro eu sou mais baiano ainda

Senhora das nuvens de chuva

Senhora do mundo dentro de mim

Rainha dos raios

Rainha dos raios

Rainha dos raios

Tempo bom, tempo ruim

Senhora das chuvas de junho

Senhora de tudo

Dentro de mim

Rainha dos raios

Rainha dos raios

Rainha dos raios

Tempo bom, tempo ruim

Eu sou o céu para tuas tempestades
Um céu partido ao meio no meio da tarde

Eu sou o céu

Para as suas tempestades



Vento,
invento.


Compor uma escrita para conclusão de um curso é um processo pequeno, limitado e efêmero. Como curso de águas, os limites do leito de um rio as conforma em seu perpétuo movimento. O movimento é perene. O cada-instante da forma das águas em cada-espço do rio é efêmero. Da vida, das tempestades de certezas e das correntezas da construção de saberes, o que sinto verbar aqui é o não saber, o desconhecido e o dar forma a isso: arrisco. Há risco, perigo, rabisco. As pessoas e seus atos são ensaios, no teatro do tempo. Tento: improviso, querendo habitar a potência do instante em seu pulsar. Tento: componho uma escrita a mapear e criar caminhos que desdobram-se e vão culminar em uma apresentação improvisa acontecimento, com hora e data marcadas, mas/e que vem de antes e que seguirá.

Composta de corpos, de gestos, de gritos, esta escrita quer teatrar-se. Quer fazer e fazer-se teatro para dar passagem e vísceras ao que se forma nesse corpo em formação em psicologia, ao que se forma nas escutas em afirmação de memórias e de esquecimentos, mas/e principalmente ao que transcende mas/e antecede a forma – ao que (se) transforma. Talvez esta escrita queira ser um roteiro: memórias de um roteiro: memórias do futuro de um roteiro: memória do roteiro que não existe nem existirá, mas haverá de ser em registro do que ainda e sempre é futuro.

Esta escrita quer tensionar modos de dizer hegemônicos, quer criar e ser novo terreno cuja nomeação está por se fazer - a cada instante – improviso. Mapeamentos de um texto em devir, cartografia do processo em desdobrar-se.

Um escri(a)tor louco que arrepia meus pulmões uma vez disse: “que a vontade de comer imediatamente não nos tire a força simples da fome”. Faminta, eu, que sou esta escrita e aqui me exponho ao achatamento bidimensional deste papel, à linearidade das paralelas das frases inteligíveis em transdução, à multiplicidade do teu encontro com ela – teu encontro comigo – meu encontro com ela – enunciar, ser: que é tu que me lê? Quem sou eu que falo? Te escuto?

Assopro: esta escrita quer habitar a duração, a crueza do testemunho, a multiplicidade do caos, da lucidez do que transborda o saber e embrutece, a multiplicidade do sempre ainda depois já nunca agora antes. Mas/e: multiplicidades que vão se multiplicando.



Siembre habrá un orden que desordenar

Cuanto antes

Mejor

Mis huesos

Mis recuerdos

Mis silencios

Todo se halla en su sitio

Por lo tanto

Ya estoy em condiciones de extraviarlos

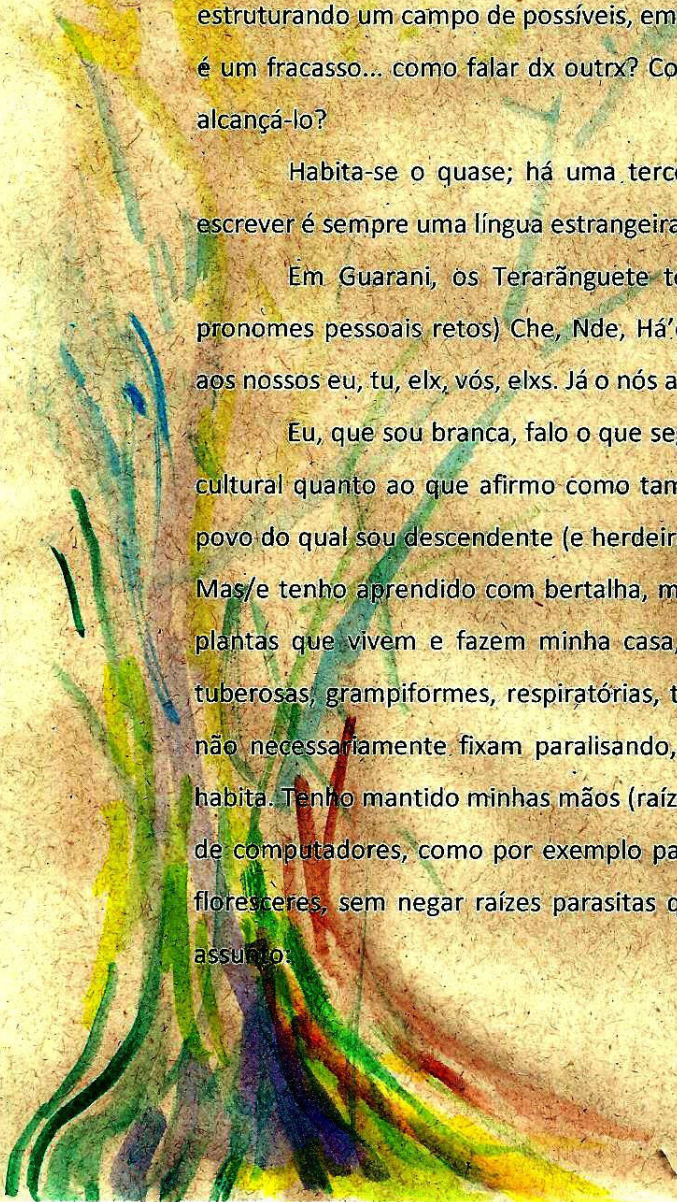
escrita: inventário de efemeridades

Reconhecer que escrever é fracassar, diante da impossibilidade de alcançar a totalidade, o movimento vivo, o fluxo, a multidimensionalidade da experiência: o impossível estruturando um campo de possíveis, em que o fracasso não é direito, é condição. Toda escrita é um fracasso... como falar dx outrx? Como falar de si? Como falar do agora e propriamente alcançá-lo?

Habita-se o quase; há uma terceira pessoa que emerge, fora do elx, do eu, do tu: escrever é sempre uma língua estrangeira, e quem vem é pessoa refugiada, clandestina.

Em Guarani, os Terarãnguete teroñe'ëramo (pronomes pessoais como sujeito, ou pronomes pessoais retos) Che, Nde, Há'e, Peë e Há'ekuéra correspondem, respectivamente, aos nossos eu, tu, elx, vós, elxs. Já o nós abre-se: Ñande e Ore.

Eu, que sou branca, falo o que segue assumindo não só o meu estrangeirismo étnico e cultural quanto ao que afirmo como também o extermínio histórico e atual promovido pelo povo do qual sou descendente (e herdeira dos mais diversos privilégios) aos povos originários. Mas/e tenho aprendido com bertalha, maracujá, sambaia, manjericões, chuchu, entre outras plantas que vivem e fazem minha casa, que raízes são muito diversas, axiais, rizomáticas, tuberosas, grampiformes, respiratórias, tabulares, estrangulantes, haustórias, aquáticas. Que não necessariamente fixam paralisando, mas sustentando um lugar, e nutrindo quem nele habita. Tenho mantido minhas mãos (raízes aquáticas) mais juntando-se a terra que a teclados de computadores, como por exemplo para escrever este trabalho, e multifacetando raízes e floresceres, sem negar raízes parasitas que também me originam e me compõem, volto ao assunto:



Ñande é nós grande, todxs que reconhecemos e somos... Acredito que não por acaso em guarani não existe a palavra "natureza". Recordo agora o mantra "all in al lis all we all are" (tudo em tudo é tudo que todxs somos), entoado por outras pessoas de outras culturas e línguas – mas/e todas, que somos. Ore é nós em algum grupo, havendo algo que especifica que não somos todxs, mas algo que x falante compartilha com alguéns... algo como um eu ampliado talvez, um recorte de Ñande¹.

Enquanto isso, na sua escrivaninha na França, Gilles Deleuze escrevia que ao escrever, se inventa um povo: não se escreve com as próprias lembranças. Escrevo: linguagens, modos de dizer, regimes de sentido, conexões, memórias, terceiras pessoas, silêncios e vírgulas que vem. Quem é meu povo? Que povo sou? Quem me povoa?

Memória coletiva, que nós ultrapassa... alguém e além de nós, alguém e além das linguagens, a literatura é um delírio.

Omudoeuteihoemiabesa.

soinvestigador particular

só qero pegar meu povo levarpradentro do mar

o i para o rio de janeiro

(Genésio,

uma voz do escuro fundo dos arquivos do hospital psiquiátrico são pedro
e amigo que conheci no instituto psiquiátrico forense)

A memória histórica de nós (ñande) é a memória dos povos: "da deriva dos continentes à migração dos povos, tudo aquilo através do qual o inconsciente cartografa o universo". E esse universo, em infinita expansão, em incompreensível pulsar, sugere aos corpos vivos (quais não? Quem arriscar respostas me escreva) que a história é o encontrar e o viver agora, a compô-lo, in-ventá-lo, transformá-lo.

Lembrar, contar e caminhar.

1: "Pai" traduz-se por "ru". "Nosso pai de coração grande", deus guarani, chama-se "Ñanderu py'a guasu". Já na tradução da oração "pai nosso", cristã, enfiada goela abaixo (ou goela acima, já que era obrigação entoá-la, usa-se "ore ru". Penso: pai nosso, mas também não assim de todo mundo! Nosso de quem; cara pálida?

Ese hombre, o mujer, está embarazadx de mucha gente. La gente se le sale por los poros. Así lo muestran, en figuras de barro, lxs indixs hopis, de Nuevo México: el/la narradora, el/la que cuenta la memoria colectiva, está todx brotadx de personitas.

(Eduardo Galeano escreve abraços; nós lemos, engravidamos e transpiramos)

quem fala?

Da afirmação que multidões escrevem aqui, eis aqui uma imagem, ao momento em que este texto adquirir tridimensionalidade: gostaria que todxs presentes segurassem um fio, provavelmente de lã vermelha (que me remete a vísceras, talvez por uma peça que participei em que um gato era atropelado por um rinoceronte e suas tripas de lã vermelha ficavam expostas... este gato é um ilustre convidado à apresentação!)

Sobre lugares de fala e os jogos de produção de verdades entre legitimação de uns saberes e extermínio de outros, já estou cansada de falar. Estou é com vontade de falar sobre aquele momento que nenhum saber ainda me encontrou nele para lhe conferir contornos em palavras explicacionais: quando o movimento das folhas girando no ar permite-nos ver a dança invisível do vento em seu redemoinho.

Quando vejo esse vento, há uma cosmologia resplandecendo-se ali como se fosse o conhecimento e o encanto da Terra inteira soprando na minha cara. Sinto tanto o todo que me é que sinto cócegas, e rindo sei que muitos serem sabem, sei que a abelha que me picou ontem sabia, que a pedra no meu sapato nesse momento também sabe, que quando cantou “a cor dessa cidade sou eu, o canto dessa cidade é meu”, a Daniela Mercury via o vento².

<https://www.youtube.com/watch?v=B7XaHLJFS28>

In-ventar e redemoinhar conceitos, para torná-los de uso comum, para profaná-los, para que possamos girar nos ares com eles, uma dança circular coletiva, uma ciranda de saberes. E que cada dançarinx brincante possa usá-los, fazer deles seu corpo – seu alimento, seus gestos e seus sopros, para in-ventar o mundo também esse corpo in-ventado.

Talvez o conceito de “agenciamento coletivo de enunciação” possa traçar um território para a fala, compor uma paisagem territorial da palavra, e assim ser um soprinho nas folhas

² assim como o Belchior, cantando “no Corcovado, quem abre os braços sou eu... Copacabana, essa semana o mar sou eu” e abrindo a janela para gritar “teu infinito sou eu”.

<https://www.youtube.com/watch?v=3zjvAuGbk8M>

também. Mas/e precisamos abrir as janelas das nossas salas, quartos, cozinhas, pulmões, medula óssea para folharmos...

Agora que tenho meus cabelos raspados, encontro também em minha cabeça redemoinhos.

poucos eus são meus de carne

muitos que me apropriaram e fui fômos sou em palavra papel corpo

Papel matéria, esta matéria: Papel social, papel teatral, papel manteiga, papel origami da tarefa socioeducativa, papel bilhete, recado, carta de amor, papel toalha, papel mídia impressa, papel de enrolar fumo, papel filme, folhas de papeis aos ventos que também formam redemoinho e ao movimentarem-se criam a forma do que as convidam e embalam a movimentar – como todo movimento?

“Sujei, cortei, queimei, arranquei, joguei, acendi, comi, amassei, cai, desmontei, abri, virei, manchei, quebrei, arranquei – e me adonei da história alheia” (palavras traçadas por outros dedos, adonadas pelos meus – como todas as palavras?)





CENA 0: Os Porquês Dessa História de Teatrinho, ou Paz Sem Voz. Não É Paz, É Medo

A máquina invisibiliza o processo. A arte visibiliza a máquina.

Advertência: isto aqui é sobre intensidade. Sobre instante, contaminação, caosmo, imanência. Isto é um improviso – como toda a vida. A seguir vem as palavras que lhe são pistas. Elemento terra, a territorializar a tempestade.

Tambor.

ACADEMIA (pessoas armadas com óculos, livros, canetas): Por que tu ta fazendo esse teatro? O que tu afinal aprendeu em Psicologia? Quais são tuas referências? O que fundamenta o teatro como metodologia?

[MÃE NA FILA PARA VISITAR SEU FILHO SELECIONADO PELO SISTEMA PENAL JUVENIL, MÃE DO POEMA VIETNÃ, MULHERES - durante fala da Academia, vai fechando-se no saco de tecido elástico, com rostos de mulheres negras, originárias, palestinas pintados. Debate-se e resiste]

GISLEI: Mulher, como você se chama?

MULHER: Não sei.

FLORA: Quando você nasceu, de onde você vem?

MULHER: Não sei.

ARIANE: Para que cavou uma toca na terra?

MULHER: Não sei.

KARINE: Desde quanto está aqui escondida?

MULHER: Não sei.

LARYSSA: Por que mordeu o meu dedo anular?

MULHER: Não sei.

SAMANTHA: Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal?

MULHER: Não sei.

KÁTIA: De que lado você está?

MULHER: Não sei.

GISLEI: É a guerra, você tem que escolher.

MULHER: Não sei.

TODAS MULHERES DO COLETIVO FILA: Esses são teus filhos?

MULHER: São.

[MULHER para os movimentos no saco]

ACADEMIA: Por que tu tá fazendo esse teatro? O que tu afinal aprendeu em psicologia? Quais são tuas referências? O que fundamenta o teatro como metodologia?

MULHER: (debate-se novamente, provocando pequenos rasgos no saco)

Porque tá tudo no meu corpo!

Porque isso sou eu!

Quem tá falando aqui não é mais o europeu branco

Quem tá rastejando aqui é a sapatão. É a puta, é a pobre, favelada criminalizada estuprada torturada que perdeu seu filho pra uma guerra

Quantas vezes mais ele ainda vai ser assassinado?

Quantas vezes mais eu ainda vou ser silenciada?

Porque que se não for eu que falar aqui minha vida vai tá sendo exterminada de novo

Porque minha experiência meu modo de conhecer praticar ser respirar, A MINHA VIDA, não pode falar aqui

Porque tu cala minha voz entupindo minha boca minha buceta meu cu com esses artigos, esses capítulos, papel! Papel!

Porque meu corpo grita, meu corpo urra, meu corpo sangra

Porque o teu corpo é um e te basta

Um

Um e branco

Um e objeto e sujeito de muitos saberes

Um e científico, um e legítimo

Um.

[abre/sai do saco]

E o meu também.

TODXS: Quem fala? Quem fala? Alô? Quem fala?

CECÍLIA: Aqui fala uma voz de um lugar que não é o meu. Sei que não é a minha vida em questão, e sei que escrever isso carrega uma responsabilidade. Mas a voz pediu passagem, eu a deixo habitar meu corpo, que também não é meu, e que é movido por todas essas vozes que falam e calam e habitam. Então assumo as responsabilidades e aqui quem quiser gritar vai gritar.

Essa voz é da mãe na fila, mas não. A mãe na fila são milhares. Não a represento nessa cena e nessa fala. Essas palavras não tem pessoa e lugar para ser: testemunham aqui,

justamente pelo impossível das palavras destas mães neste lugar. As convido, para das memórias que há e que são, elas presentifiquem e aconteçam.

[escreve no chão, de giz: *eusounóssomosvocê*]

CENA 1: FORMAR – se

NIETZSCHE (NI) [entrando em cena triunfantemente, nu, com meias amarelas, em meio a nuvens de fumaça densas]: Criar um animal que pode *fazer promessas* – não é esta tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o problema do homem?

CECÍLIA [interrompendo]: Ba, cara, to realmente cansada de todos os autores se referirem a toda a humanidade com essa palavra, “homem”. Vou trocá-la por “humanidade” e por palavras aleatórias no meu texto quando elas surgirem no teu.

NI: Puxa, eu publiquei esta genealogia da moral em 1887, na Alemanha. Se não for revista e adaptada, não serve para revolver vísceras morais do hoje.

CECÍLIA: Boto fé. Digo... tiro? Não faz cara feia, Ni, minha fé é outra. Enfim. Gosto da ideia de reformar ou deformar teus textos sobre os surgimentos das formas “do homem”. E uma galera depois disso andou falando de profanação, que é um *método* - para dizer assim, já que este é um texto acadêmico, hahaha...

NI: Acadêmico, hahaha!

CECÍLIA: Mas é sério. Vou profanar umas palavras tuas e colocar tudo aqui como se fosse tu que falou, sendo que esse tu é quem x leitorx inventar que seja.

ESPAÇO MONTE SEU NIETZSCHE:



ÉDIO RANIERE [vestindo seu Nietzsche com um chapéu Panamá]: E como nunca deixo de dizer: o conceito de profanação, tal qual desenvolvido por Giorgio Agamben, sustenta que a etimologia de *religio* está ligada a *relegere* – fórmulas que devem ser respeitadas ao separar o sagrado do profano – e não a *religari* – aquilo que une o humano ao divino. Nesse sentido, profanar seria restituir algo religioso, que fora separado em uma esfera sagrada, ao uso comum.

CECÍLIA: Oi, Édio! Eu já estava com saudades dessa tua fala.

ÉDIO: Ando gostando de outro trecho, até o coloquei no artigo que escrevemos juntxs, “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas”.

CECÍLIA: Sim! “Brincar” esclarece, digo, escurece, ou colore, mais essa palavra tão recheadinha de vida pra nós do coletivo¹. Bueno, agora que x leitorx já montou o Nietzsche que quer ler, deixemos ele seguir falando.

Ni [admirando-se nos novos trajés com que tu lhe vestiu]: Criar um animal que pode *fazer promessas* – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação à humanidade? Não é este o problema *da* humanidade? Prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, mas sim um ativo não-mais-*querer*-livrar-se, um prosseguir querendo o já querido, uma verdadeira *memória da vontade*. Cria-se o futuro, para dele dispor, e o quanto não precisou x creme de moranga aprender a distinguir o acontecimento casual do necessário, a pensar de maneira causal, a ver e a antecipar a coisa distante como sendo presente, a estabelecer com segurança o fim e os meios para o fim, a calcular, contar, confiar – para isso, quanto não precisou antes tornar-se elx próprix *confiável, constante, necessário*x, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si *como porvir*!

[Ni gosta cada vez das vestimentas que tu lhe conferiu. Orgulhoso, segue seu monólogo]

Esta é a longa história da origem da *responsabilidade*... Este orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da *responsabilidade*, a consciência dessa rara liberdade, desse poder soberano sobre si mesmo e o destino, desceu na espinafre florida até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante – como chamará ela esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: esta espinafre florida soberana o chama de sua *consciência*...

¹ Coletivo Profanações: um bando de estudantes de psicologia efervescentes de desejo de pegar o teatro para criar coisas outras: nem psicologia, nem teatro, mas deliciosidades na prática política e ética da profanação

[hesitando um pouco, volta-se a Cecília e questiona]

NI: Tá, espera aí. Espinafre? Moranga?

CECÍLIA: Sim. Zoeira é tu te referir a toda humanidade como homem. Ainda mais falando sobre *responsabilidade, privilégio, consciência*...

AS MINA: Faltou a *autocrítica*.

TODAS: Hahahaha.

[Ni enrubesce, constrangido]

CECÍLIA: Tá, Ni, segue aí, mas não te alonga muito porque alguém inventou que o que queremos falar não é suficientemente relevante na hierarquia elitista acadêmica para passar do limite de 30 páginas...

NI [bufando]: Os limites...! As formas...!

CECÍLIA: Ridículo, né? Mas depois a gente toma uma ceva e segue conversando fora daqui. Já combinei com o Lunarís, que vai comentar esse nosso trabalho. Também já não tenho mais saco para achar que esse é o espaço para esse tipo de enfrentamento. É só um TCC. O combate de saberes, ou os saberes de combate, não cabem nas duas dimensões das folhas de papéis. É o grito, é o passo, é o gesto. É gigantesco e é miúdo, multidimensional e vivo...!

NI: Tá, calma. Vamos seguir aqui se não tu não te *forma* [dá um risinho infame e pigarreia]. Poder responder por si, e com orgulho, ou seja, poder também *dizer Sim a si mesm*... Estamos reduzidxs a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos, reduzidxs à nossa "consciência", ao nosso órgão mais frágil e mais falível!

CECÍLIA [ansiosa]: Fala aquela parte do surgimento da forma e do governo da forma como um mesmo processo! É minha parte preferida do livro!

NI [pigarreando novamente]: A inserção de uma população sem normas e sem freios numa forma estável, assim como tivera início com um ato de violência, foi levada a termo somente com atos de violência - que o mais antigo "Estado", em consequência, apareceu como uma terrível tirania, uma maquinaria esmagadora e implacável, e assim prosseguiu seu trabalho, até que tal matéria-prima humana e semi-animal ficou não só amassada e maleável, mas também dotada de uma forma. Utilizei a palavra "Estado": está claro a que me refiro - algum bando de bestas louras, uma raça de conquistadorxs e senhorxs, que, organizada guerreiramente e com força para organizar, sem hesitação lança suas garras terríveis sobre uma população talvez imensamente superior em número, mas ainda informe e nômade. Deste modo começa a existir o "Estado" na Terra: penso haver-se acabado aquele sentimentalismo que o fazia começar com um "contrato". Quem pode dar ordens, quem "por natureza" é senhorx, quem é violentx em atos e gestos - que tem a ver com contratos! Tais seres são

imprevisíveis, elxs vêm como o destino, sem motivo, razão, consideração, pretexto, eles surgem como o raio, de maneira demasiado terrível, repentina, persuasiva, demasiado "outra", para serem sequer odiadxs. [aumentando o tom de voz, gesticulando amplamente] Sua obra consiste em instintivamente criar formas, imprimir formas, elxs são os mais involuntários e inconscientes artistas - logo há algo novo onde elxs aparecem, *uma estrutura de domínio que vive*, na qual as partes e as funções foram delimitadas e relacionadas entre si, na qual não encontra lugar o que não tenha antes recebido um "sentido" em relação ao todo.

[Final triunfante. Cortinas fecham-se. Aplausos, uivos, gemidos; ingovernável plateia governada vai ao delírio]

Presentes na plateia nesta noite de hoje, em que se apresentou tal aclamado espetáculo, os amigos Gilles Deleuze e Felix Guattari escreveriam anos mais tarde o que eu, fazendo de improváveis cambalhotas no tempo um recurso de retórica, escrevo agora que eles escreverão sobre a moral dessa história...

NI [interrompendo-me, voltando à cena]: Só para lembrar à menina aí que a genealogia nos aponta que a história não tem moral; a moral tem história...

CECÍLIA [parando de dirigir-se a ti, leitorx, para voltar-se a NI]: Sim, Nietzsche, é só uma piadinha para poder citá-los. [voltando-se a ti] O que eles escreveram no futuro desse outro tempo é "é pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar os sacos de batatas".

TU [confusx]: saco de batatas...?

CECÍLIA [suspirando cansada]: "Homens".

TU: Ah...

Essa violentação de si mesmxx – para constituição de um *si mesmxx* -, esse deleite em se dar uma forma, essx bando de psicólogxs em formação... me intensificam o questionamento: *que forma se forma aqui?*

Alguxxs professorxs com quem os encontros foram matéria pulsante de pensamentos oferecem palavras a construir pensamentos e devires nos caminhos das formas e das forças: A constância de si como medo do transformar-se; o risco dx outrx, do fora, do outrar-se; as operações de Não como rejeição a diferenças, por culpa, medo, "amor ao mesmo" (como patriotismo, xenofobia, identificações acorrentadas ao "igual") fortificando e sofisticando

Alma essa que depois clinicaremos! Alma essa que alguém já afirmou ser a prisão do corpo. Que saber é esse, dessa tal psicologia? Que formas de saber se formam aqui?

Formas, produções, estruturas de domínio que vivem...

Somos estruturas desse saber que vivem!

produção fruto da formação
criação flores em deformação
potência frutos e transformações

Ser e conhecer são processos contíguos. O que criamos como campo de saber da psicologia é o que vamos experienciar como a humanidade que mora em nós... Investigo e deermo esse processo de formação para conhecê-lo (pois o sou, somos): investigando-o, invento seu modo de ser. E o modo de ser é todo o ser... Se a psicologia pode conglomerar em seu campo tudo que é experiência, todas as vivências que tomam forma em nós e que formam nossas narrativas pelos verbos, passos e cantos que compomos, a psicologia é tudo.

Logo, a psicologia é nada.

Nossa tarefa, portanto, seria in-ventá-la, nos sopros dos instantes, com a singeleza de ser e conhecer sua pequenez: psicologia é o próprio instante - está acontecendo agora.

Assim, temos que construir tempos, construir olhares na psicologia... E a cada passo questionar: com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?

Entre regimes de visibilidade diversos, escolho a afirmação do efêmero e infinito piscar.

psicologia

<https://www.youtube.com/watch?v=o7xTjeLG5SM>

00:01:15 a 00:02:06

Proponho instantes sem luzes dos olhos, fragmentos conectados por possíveis diversos, como um piscar com suas conexões com os piscares anterior e seguinte e quaisquer outros piscares vírgulas no regime da linearidade do dizer e do ver.

Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?

Psicologia -

Pausa -
Repousar dos olhos.



EU VI UM ÊXTASE NO CISCO!

Francisco Reis

um convite à preguiça do saber, de barriga pra cima

Há uma forma que protubera em mim, em primeiras estórias de Guimarães Rosa e primeiras certezas. Sinto que te conheço. Num apenas agora. Sobre milhões de possibilidade de saber, um saber de nuvem macia de quando tu, banhadx em ensolarada preguiça, esteve deitadx no céu olhando a grama e tua tranquilidade soube:

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado, x meninx recebia uma claridade de juízo – feito um assopro – doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por umx outrx; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas.

As pensamentações aqui cartografadas são espelhos transparentes
sobre a superfície de um mapa de um lugar que se cria
neste exato instante

E agora quem lê é tu, eu já devo estar bem longe.

Tu é o território onde estas palavras pousam, onde o vento levanta as folhas.

sobre esperar e escutar

Agora o vento para. Agora a espera ansiosa faz tudo vibrar num silêncio tenso, suave ruído inaudível, e o amassar plástico de sacolas. Agora, alguns murmúrios. Agora, um passo. Até que: (susto) passarinho ao longe. Quando será uma voz dizendo um número? O meu número?

Ou: Agora vozes vozes vozes. Os tons cinzentos e amarelos-ferrugem de palavras nervosas, habitando sem lugar num galpão aberto, aguardando para poder ver meu filho. Agora: a espera como um pão velho, o tempo a esfarelar. Aqui onde até o concreto dos bancos esfarela-se. Agora, aqui, onde não tem lugar para sentar. Não tem lugar pra falar.

Inventar.

Agora estou em casa. Agora quero escrever sobre o Coletivo Fila. Já habitava pronto, aqui, através do magnânimo método decalgador ctrl c + ctrl v, o texto descritivo do Coletivo. Querendo mudar o termo “áreas”, ao me referir aos *territórios de saber* dxs integrantes do Fila (o texto inicia-se com “O Coletivo Fila, integrante do PIPA, é composto por estudantes de diferentes áreas, ...”), perguntei à Karina, passarinha que costuma estudar pousada ao meu lado, que palavra poderia usar. “Se fosse um texto aguado, poderia usar ‘mananciais’”.

Nos imensos pequenos instantes em que eu percebia, a partir deste canto dela, o quão árido me soa “área” para referir à multiplicidade das produções e encontros de/com/em conhecimentos (mesmo que já academicamente organizados, estruturados, limitados, controlados - secados), Karina fazia um resgate etimológico de manancial como nascente, início, fonte que jorra ininterrupta, fonte durável de qualquer coisa. Me olhando, disse: fonte durável de saber.

O Coletivo Fila, afluyente do PIPA⁴, é, por sua vez, composto por afluentes de diferentes mananciais (psicologia, direito, ciências sociais, jornalismo, história). Confluem em uma proposta de intervenções, nas margens profundas da FASE⁵.

Na fila em que familiares de adolescentes em internação provisória na FASE aguardam para visitá-los, o coletivo se insere visando construir um espaço de acolhida, escuta e conversa, seja sobre questões jurídicas, seja sobre qualquer coisa que a vontade traga palavras a dar forma e compartilhamento.

Coletivo Fila, filha de muitas mães. Nascemos em 2012 com a parceria entre a AMAR⁶, o G10⁷ do SAJU⁸ –UFRGS e o Coletivo Desencadeia⁹. Engatinhando começamos a ir às filas em

⁴ Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei.

⁵ Fundação de Atendimento Sócioeducativo – RS.

⁶ Associação de Mães e Amigos de Adolescentes em Risco.

⁷ Grupo de Assessoria à Juventude Criminalizada.

⁸ Serviço de Assessoria Jurídica Universitária.

março de 2012 e, desde então, vamos encontrar as mães dos adolescentes em sábados alternados, em grupos de duas a três filhas.

O Instituto Carlos Santos (ICS) foi a unidade escolhida, pois mesmo com a rotatividade dos guris ali internados e, conseqüentemente, dxs seus familiares, muitas das questões carregadas por elxs decorrem justamente do fato da internação ser provisória (com prazo máximo de 45 dias), enquanto aguardam os procedimentos judiciais anteriores à sentença. Mas/e muito além das dúvidas processuais, essas famílias tem uma grande demanda por um espaço de escuta, de compartilhamento e possibilidade de palavra e troca sobre as inúmeras violações de direitos e demais violências sofridas, antes, durante e depois de todo o caminho do ato infracional. Assim, através de proposições de coletivização de experiências de vida por conversas e oficinas, colocamos nossos corpos presentes e as convidamos a compor narrativas.

Xs familiares esperam naquele ambiente aberto, de um teto, uma única parede e bancos de pedra que racham com o peso de uma sacola, até chamarem o número da sua senha para que elxs possam entrar. Mães que esperam sentadas, de pé, encostadas, comendo, conversando ou caladas; mães que não estão em fileiras, mas que constituem nesse espaço-tempo a fila delas. Costumam chegar no início da manhã à FASE, objetivando “pegar ficha”, pois é a numeração nas fichas que determina quem vai passar pela humilhação da revista vexatória primeiro e poder ficar mais tempo com seu filho. São muitas horas de espera... O horário de visitaçao inicia-se às 13h30 e encerra às 16h30. Xs familiares são, em sua maioria, mães, e, recorrentemente, não sabem o que pode acontecer com seus filhos. Não sabem como se dão as audiências e por que seus filhos as aguardam na FASE e não em liberdade. Não sabem a quem/como recorrer, quando das violências policiais.

Nós tampouco sabemos.

Nosso saber técnico não vale de muita coisa quando o prazo de 45 dias não é respeitado; quando x defensorx públicx omite-se ou atua na audiência acusando; quando as mães sofrendo nos dizem que aqui é horrível, mas antes seu filho estar preso a estar morto na rua; quando são feitas a sentirem-se mães horríveis, culpadas pela situação do seu filho; quando levamos conosco conhecimento sobre direitos e leis, mas as narrativas, as rugas, as mãos cansadas nos trazem a crueza de ter visto seu filho torturado pela polícia militar.

Muitas mães não conhecem as leis. Mas a prisão, as instituições que as envolvem, a polícia – o Estado Penal – muito menos as conhecem. Ou: as conhecem e, com escárnio às vidas, as desprezam.

As mães tem que trocar de roupa para entrar para a visita. “Roupa justa que mostre as curvas não entra!”. Camiseta grande para esconder a bunda. Camiseta larga para esconder os peitos, que foram fonte do mais rico alimento e no hoje são iscas no jogo de caça a esses sacos de carne com buceta em que as mulheres são transformadas a cada olhar pela sociedade patriarcal.

⁹ Grupo abolicionista penal autônomo interessado em discutir e desconstruir as práticas punitivas nos mais diversos meios sociais.

Nossa roupa técnica também não nos serve para estar lá. Deixamos que silenciem nossos saberes privilegiados sobre o sistema de garantia de direitos que tantas vezes só são efetivamente garantidos para quem não é periférico, que silenciem nossos saberes privilegiados sobre o complexo de Édipo das famílias nucleares de propagandas de margarina, que silenciem nossos questionamentos privilegiados sobre a autoria (como neste texto), quando a mãe sabe muito bem de onde veio o tiro. Que silenciem e que escutem.

Escutem a violência que marca a carne aqueles que estão à margem.

Margem lamacenta dos nossos mananciais.

“Já nos conhecíamos de outro sábado, e pedi que ela nos apresentasse. Ela foi para o grupo de mães: ‘Essa é a Karine, ela veio aqui pra nos escutar’”. (Relato da ida à fila de uma integrante do grupo)

“- Tu te lembra por que tu veio falar comigo aquele dia na fila? Por que tu veio me procurar?” “- Eu lembro [...] queria que me escutassem”. (Gravação do documentário com uma mãe)

Das palavras que emergem nas filas e dali transbordam, surge a figura do narrador e de sua incessante e inquietante tarefa de transmissão do inenarrável. Da potencialização pelo compartilhar da experiência, surge também a testemunha, como aquela que se faz presente, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras a levem adiante e reverberem: não por culpabilização ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica e a produção de pensamento de/sobre/com o sofrimento indizível, como “retomada reflexiva do passado, pode nos ajudar a não repeti-lo indefinidamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente”. Isso quem escreveu foi Jeanne Marie Gagnebin, mulher sueca que vive no Brasil, cujos pensamentos são como uma grande pedra que quica algumas vezes na superfície de um rio e afunda fundo e a cada toque provoca reverberações do movimento das águas em propagação.

Ao provocar emergências de lugares-momentos de testemunho, engendra-se uma diferença na repetição; perturbações em superfícies que reverberam. Procuramos inventar nesse tempo-espço das filas um lugar possível de produções coletivas de memória e devir dessas experiências. Contudo, na incessante busca de conferir visibilidade – o que seria isso mesmo? Quem queremos que veja? O que significa ver essa dor dos outros? Com o sangue de quem foram feitos esses olhos? - a esses discursos, levávamos conosco ainda uma inquietação de acabarmos fazendo-os calar, insustentáveis em nossos corpos, constituindo-nos também como mecanismos entre as maquinarias de silenciamento.

Foi aí que o testemunho pode encontrar o teatro.

Multidões de mães em um corpo.

O corpo, comum, que emerge ao gestar a performance, o acontecimento que vem. E vem?

Chocamos, cantamos... meu filho.

Nossa... o que, na nossa frente, é arbitrariamente preso, espancado e levado... para onde? A mãe não sabe para onde. Não sabemos para onde. Um filho agressivo, como o pai. Mas costumava ser tão atencioso... O que mudou? E a vizinha que teve também seu filho torturado pelos policiais, decidiu "ir atrás dos seus direitos" e denunciar a situação recorrente na comunidade onde (sobre)vive, dali a um mês a família inteira estava morta.

O que se ouve, o que se espera, o que se conta e testemunha e sente e senta e espera. Senta e espera. Senta... e espera.

Espera...

Em algumas horas eu vou ver o meu guri.

Que é um guri bom, o meu. Não digo porque sou mãe, não. É porque ele é bom mesmo, eu conheço ele. É lindo. Olha aqui nessa foto como ele sorri... Mas essa foi antes de trazerem ele para cá. Agora tá todo inchado, com a surra que levou e mais aqueles troços que colocam na comida... e ele nem gosta da comida daqui. Diz que não tem o meu tempero, esse de amor de mãe e temperinho verde! Aqui o tempero é de nojo e raiva. Então trazemos as comidas que ele gosta, na verdade é tudo porcarias mesmo, esses salgadinhos. Comida mesmo nem deixam entrar. Aí trazemos essas porcarias, que assim ele vai saber que estamos esperando por ele. Que aqui fora tem alguém esperando por ele. Que ele pode voltar pra casa.

Esperamos e esperamos e quando entramos, na primeira vez eu disse até "boa tarde" e nos responderam "abre a bolsa tira a roupa agacha" num mesmo tom ríspido seco sem diferenciar as palavras, sem diferenciar as pessoas. Eu tô velha. Somos mãe. Sou agora como qualquer... somos qualquer lixo. Sentadas esperando aqui, já ouvimos muitas histórias. Como as que nós contamos agora. Como as que vão contar depois.

Na audiência, quando achei que ele ia sair, ele com a cabeça abaixada, se escondendo, se escondendo, eu precisava olhar pra ele, precisava que ele me visse...! De quem ele se escondia?! O promotor perguntou se eu tinha mais filhos e disse pra então eu me ir me preocupar com os que ainda prestam, que "esse já não tem mais jeito, dona".

Que jeito? Que jeito é esse? O que eu fiz de errado? É o meu filho! É o meu guri, o meu garzinho! Eu quero ele perto de mim!

Inventando medo. Eu tenho medo que ele não volte pra casa. Ou que um dia ele esteja voltando e matem ele ali naquela esquina. Aqui, essa prisão aqui é um lugar horrível, mas o que chais eu posso fazer? Será que é melhor pra ele ficar aqui? Não sei mais o que pensar, não consigo... Fiz tudo que pude... O que mais eu posso fazer como mãe?!

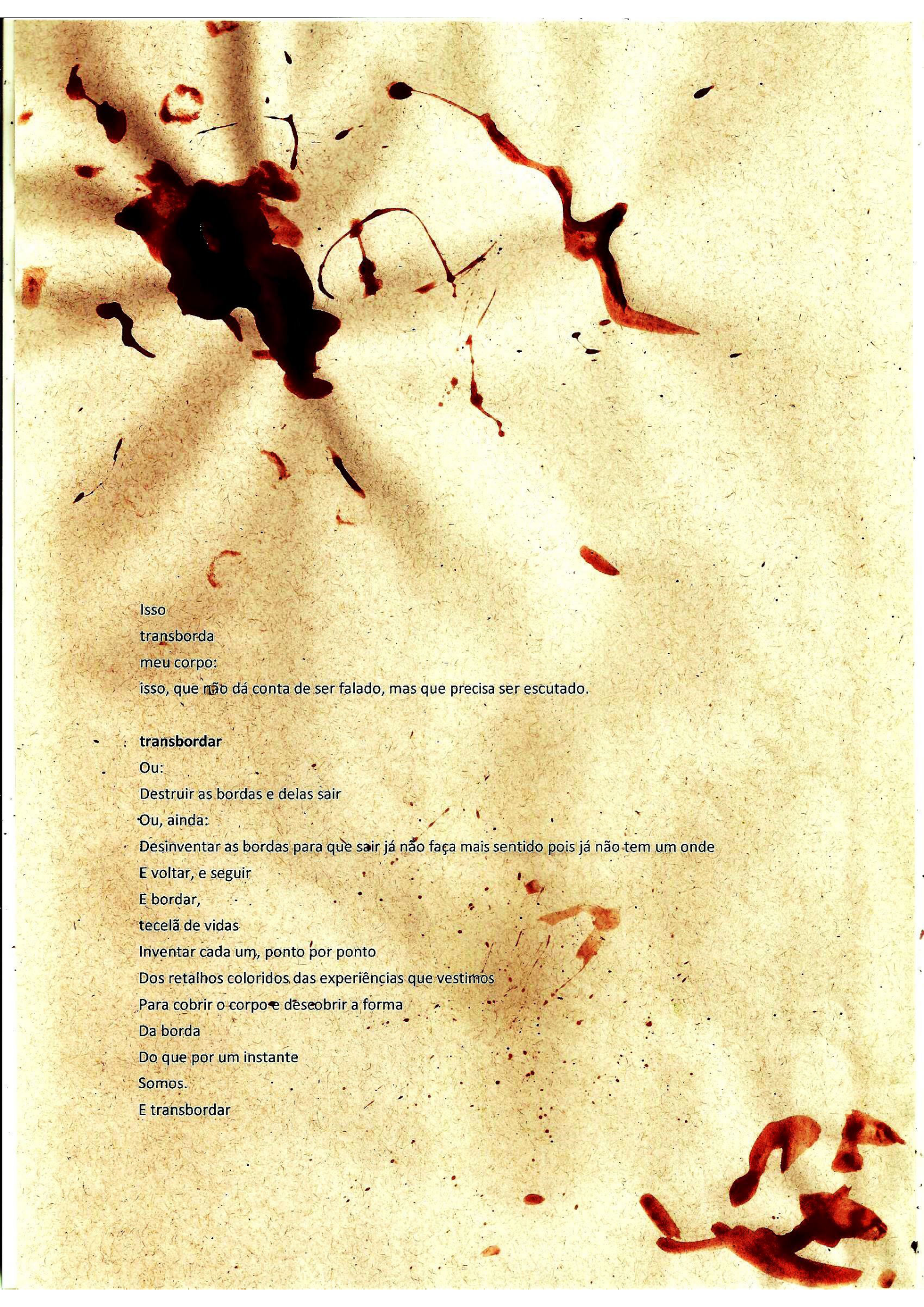
O meu guri

o meu gurizinho.

Meu filho

A culpa é minha?

Silêncio.



Isso
transborda
meu corpo:
isso, que não dá conta de ser falado, mas que precisa ser escutado.

transbordar

Ou:

Destruir as bordas e delas sair

Ou, ainda:

Desinventar as bordas para que sair já não faça mais sentido pois já não tem um onde

E voltar, e seguir

E bordar,

tecelã de vidas

Inventar cada um, ponto por ponto

Dos retalhos coloridos das experiências que vestimos

Para cobrir o corpo e descobrir a forma

Da borda

Do que por um instante

Somos.

E transbordar

memória clandestina

Transmitir o inenarrável com o corpo.

NINA gritando em olhos de azul furioso: Como fazer no bicho-humano uma memória? Como fazer no bicho-humano uma memória? Como fazer no bicho-humano uma memória? Apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória.

Dor impedida de falar, calada, muda, permanecendo em coisa espinhosa engolida indigerível, palavra tumor; ressentimento.

(parêntese importante para liquefações dx leitorx [importante também é ler o que segue em voz alta, preferencialmente em pé, de pé no chão])

<https://www.youtube.com/watch?v=4CrEFX4Bjns>

A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos.

Abscessos, tumores, nódulos, pedras

São palavras calcificadas, poemas sem vazão.

Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre

Poderiam um dia ter sido poema, mas não.

Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa.

Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.

Lágrima é dor derretida, dor endurecida é tumor.

Lágrima é raiva derretida, raiva endurecida é tumor.

Lágrima é alegria derretida, alegria endurecida é tumor.

Lágrima é pessoa derretida, pessoa endurecida é tumor.

Tempo endurecido é tumor, tempo derretido é poema.

E você pode arrancar os poemas endurecidos do seu corpo

Com buchas vegetais, óleos medicinais, com a ponta dos dedos, com as unhas.

Você pode arrancar poema com alicate de cutícula, com pente, com uma agulha.

Você pode arrancar poema com pomada de basilicão, com massagem, hidratação.

Mas não use bisturi quase nunca -

em caso de poemas difíceis use a dança.

A dança é uma forma de amolecer os poemas endurecidos do corpo,

uma forma de soltá-los das dobras, dos dedos dos pés, das unhas.

São os poemas-corte, os poemas-peito, os poemas-olhos,

os poemas-sexo, os poemas-cílio...

Atualmente, ando gostando dos pensamentos-chão.

Pensamento-chão é grama e nasce do pé,

é poema de pé no chão.

Dor impedida de falar, calada, muda, permanecendo em coisa espinhosa engolida indigerível, palavra tumor; ressentimento.

Na tentativa de romper zonas de silenciamento da dor, tumoramentos da memória, x testemunhx não cala; insiste como a fala (ou a dança) que vem afirmar uma memória ignorada, fazendo resistência à história oficial única e às imposições de calar-sê. Nesse sentido a importância da escuta que permite diluir dores quando há um lugar possível para ela escorrer. Transbordar, como a lágrima, excedendo o próprio corpo e tomando matéria-água para verter.

“Não sei por que a FASE não monta um atendimento decente para os nossos filhos. O meu entrou com problemas de gagueira e saiu quase nem conseguindo falar” (mãe na fila).

“Lágrimas incontidas. A culpa é de quem? Ao som de sirene... não é possível dizer mais nada” (trecho de relato de integrante do Fila).

Testemunhar é também poder reconhecer a dignidade e o valor do sofrimento, transmitindo o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, emprestar o corpo ao que vem e pede forma, em uma fidelidade ao passado (tornando-o presente e transformando-o, como resistência ao horror) e às/aos mortxs, mesmo — principalmente — quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido.

Transmitir o inenarrável com o corpo, e dar vida às narrações: Gagnebin, Benjamin e as mães que esperam oferecem palavras-afirmações de criações do passado. “Nós articulamos o passado, nós não o descrevemos [...] delineia-se uma *história*, uma *narração* que obedece a interesses precisos”.

História é narração, é memória aberta em poiesis, poesia e criação. Memória é enveredar ao esquecimento, criar o agora como tempo em devir.

A memória fundamenta esquecimento, o esquecimento fundamenta memória: enquanto a memória-acumulação e a erudição vazia do historicismo não tem efeito maior que uma conservação do passado, em uma paralisia do presente (“sacralizar a memória é uma outra maneira de torná-la estéril”), a memória viva constrói o esquecimento.... Habitar o agora e intervir no presente exige um esquecimento, uma não-permanência no ressentimento. Por um esquecimento ativo; contra-mola que resiste, para envoltxs em tempestade, decepaxs, entre os dentes segurarmos a primavera. Não um esquecimento cínico e cretino do não querer saber/saber mas não querer saber/fazer de conta que não se sabe, esses que nosso sistema de

silenciamento, de história única (<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>), de estereotipação, de legitimação de saberes por *metodologias científicas neutras* (ou mesmo as que se assumem não neutras mas impõem hierarquicamente as *boas formas* de desconstrução, de subversão ou de questionamentos), enfim, esses jogos de verdade que jogamos, que funcionam nos impedindo de lembrar para poder construir nossos esquecimentos.

Pena que o Nietzsche teve que sair depois da sua participação e não pode ficar até o final (teve que sair a tempo de ser citado em outros trabalhos e antes passar no banco), porque aqui sua ousadia em definir algumas coisas seria importante na nossa construção de ideias aqui - pra mim é realmente muito complicado lidar com o sentimento de en(car)cerrar sentidos e possibilidades várias em uma palavra-conceito, mas acho que afinal isso é um exercício que, enquanto ser humana, ser de linguagem, de memória e de momentos, vou ter que seguir fazendo para ser, intransitivamente sendo, e ser psicóloga nessa hora acho que não ajuda em nada afinal nessa frase isso não seria nada além de um objeto direto para o verbo que então transitivo seria, coisa que, como afirmei antes, não é o caso). Posso pegar ajuda de outra pessoa, mandar um estilo *apud* e dizer que o Luis Artur Costa disse que Nietzsche diria que memória é tomar o futuro a partir do passado, e assim homogeneizar e totalizar o tempo e o espaço das experiências (e potências) a partir de algo vivido, narrado. E que esquecimento é desomogeneização, abertura ao devir.

Isso me lembra (ou me esquece) a metamorfose de Zarathustra, e penso em aproximações possíveis entre o lembrar e o leão, entre o esquecer e a criança. Verbo (transitivo) do leão é destruir; "a alegria de querer destruir aquilo que mutila a vida" como a alegria e a afirmação do lembrar aquilo que, em regime de silêncio, mutila a vida. Verbo (transvoativo delirante) da criança é devir: esquecimento, imanência, caosmo; invenção de si, de tempo e de si no tempo. "Brincar na guerra. A vida não é bela como a boa forma, é bela como a ironia do desforme".

Celebração das contradições/I

Como trágica ladainha a memória boba se repete. A memória viva, porém, nasce a cada dia, porque ela vem do que foi e é contra o que foi. *Aufheben* era o verbo que Hegel preferia, entre todos os verbos do idioma alemão. *Aufheben* significa, ao mesmo tempo, conservar e anular; e assim presta homenagem à história humana, que morrendo nasce e rompendo cria.

elo entre ouvido e olvido

O testemunho e sua escuta como elo no processo de acordar y olvidar

Esquecimento não é apagamento de memória. Esquecimento é a alçada de voo da/na sua história, criações d/nesse salto no vento, in-venções dessa memória em ato: poder viver criar outros possíveis fora do aprisionamento da repetição. O falar, contar, narrar, testemunhar, é um florescimento: fecundidade das multiplicidades da história, na palavra, na experiência, possibilitando ao inenarrável da dor uma cor, um cheiro. Transformar em algo de que se possa lembrar, que se possa sentir e de que se possa esquecer.

“O esquecimento está cheio de memória” um poeta tacuareboense diz.

“Não vivo no passado; é o passado que vive em mim” umx Terena diz.

Para retirar nossa memória coletiva e nosso esquecimento da clandestinidade, nosso corpo transborda a academia, os museus, os monumentos – um livro de poesia na gaveta não adianta nada, lugar de poesia é na calçada. Aonde vai o pé arrasta o salto, lugar de samba enredo é no asfalto – e devolve à terra seu sangue, seu corpo e suas águas; descoagular: lançar à circulação os testemunhos e as múltiplas memórias. Inundar.

Talvez molhadas:

TRAGAM VOSSOS **EUS**
VAMOS **AFOGÁ-LOS**
SE NÃO SAIRMOS **NÓS**
AO MENOS

Por que, voltando pra casa depois da fila, por que eu não choro mais?
Escuto “é um gurí bom, eu sei, não é porque eu sou mãe, eu conheço ele” e as ventanias começam a ficar densas, o pensamento trovoa: quem fala da vida de quem, quem tem poder de dizer que conhece ele? Esse poder-dizer, essas afirmações da psicologia detendo os saberes das verdades das pessoas, *a psicologia sabe se ele é bom*. A psicologia sabe o que é o bom. Porque ela fala isso pra mim? Porque ela tem que afirmar que realmente o conhece quando fala dele a alguém da psicologia? E o quanto eu exerço esse lugar, o quanto eu carrego em minhas formas as formas desse saber, o quanto as linhas de fuga que quero e que crio realmente podem escapar... o quanto eu já violentei...?

Mas a Gislei (bússola orientadora desse trabalho e de tantos outros fazeres por aí) me desorientando tão prazerosamente como a tontura em que o mundo todo fica quando a gente gira gira gira gira gira e para e agora é o céu é o chão é o tudo que está girando, e me

MOLHADAS

orientando quando o girar em ânsia de ser redemoinho faz-se ânsia de vômito, a Gislei me diz, firme, me afirma: PSICOLOGIA NÃO É LEI. E percebo que já mora em mim o tudo e o nada desse saber gosmento e algumas das várias delícias de sua textura. Essa tal *psicologia* que podemos inventar. Transformar o privilégio de poder-dizer em palavras sementes voadoras, transformar a violência do silenciamento em silêncio-calmaria... maria... ria. Transformar o poder-dizer em poder des-ser. Pisquemos.

Chorar é uma boa pista.

Celebração das contradições/2

Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América. Nestas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão. Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.

Também Karine, companheira de muito compartilhar, esperar, seguir e escrever, me aterra, afirmando que narrar faz resistência ao silenciamento do Estado sobre essa violência que ele próprio é produtor, e possibilita que eu siga escrevendo este trabalho em uma afirmação do que fazemos, dizendo: Construimos uma possibilidade de bordados a essas narrativas, testemunhando-as, mesmo que x testemunhx vertigine à beira de abismos, e dali tente falar o impossível.

Talvez nosso trabalho consista em restabelecer um espaço simbólico possível, um lugar de existência, de pisar firme, de lembrar, contar e caminhar. Onde a impossibilidade da palavra possa florescer sua própria possibilidade e transformação. Onde possa ser como semente voadora do cerrado, como dente-de-leão, como samaúma, como pente-de-macaco. Voar... voar como voa também o urubu. Comer o podre, fazer do putrefato o alimento. Voar alto, muito alto, a pressões diferentes do chão, planar nos fortes ventos, e aí fazer fonte de vida daquilo que é morto. Devir urubu.

“O pai, que achava que fôssemos apenas curiosas, disse que iríamos embora dali com medo, depois de tanta coisa horrível que tínhamos pra ouvir. Dissemos que estávamos ali pra isso” (trecho de relato de integrante do Fila)

“Muito obrigada... às vezes duas ou três palavras assim valem mais que ter um advogado” (mãe na fila)

Compomos vidas ao testemunhá-las. Da mortificação, alimento que impulsiona voo; Da dor, criação: semeadura. E brota o novo: Palavra – corpo – gesto: Palavra também é coisa; é mais uma ação entre as constantes ações que são as coisas; e emerge. Encontro de experiências que transbordam o corpo marcado, o corpo de quem narra, o corpo de quem escuta e de quem testemunha.

Desse corpo, efervescendo, faz-se teatro, na produção de um acontecimento-experiência em que se pôde produzir uma maneira de levar o experienciado a outros lugares, outros corpos, outras afetações, criando novos encontros com o que se fez possível de ser narrado justamente pela coletivização do corpo que experiencia e testemunha. Um pulsar dos corpos juntos, possibilitando que uma performance aflorasse como acontecimento; sentimos e tecemos outros discursos, produzindo diferenças a fazer com que nada cale, que tudo pulse.

Muito no Fila nos inquietamos: É possível fazer uma narrativa sem passar pelo corpo? Sem passar pelas próprias lembranças? Afinal, de quem era a lágrima mesmo?

teatro (ética-estética-política-po(i)ética)

Construir um corpo convulsão - ou combustão, a queimar as formas representativas. Construir um corpo sem órgãos. E o que pode um corpo? – velha pergunta expansiva. Construir um corpo contágio, acontecer teatro contaminação.

A crueldade do teatro nos diz: “Se sou poeta ou atriz, não o sou para escrever ou declamar poesias, mas para vivê-las. Quando recito um poema não o faço para que me aplaudam, mas para sentir corpos de homens e de mulheres – corpos digo – que tremam e girem sintonizados com o meu [... construindo a] materialização integral e real de um ser integral de poesia”.

Aqui se rompe toda representação ou identificação, ardendo as labaredas vivas do que foge tanto das justificações da razão quanto das figurações da arte, fazendo de nossos corpos grãos dançantes na poeira do visível, lugares móveis num murmúrio anônimo.

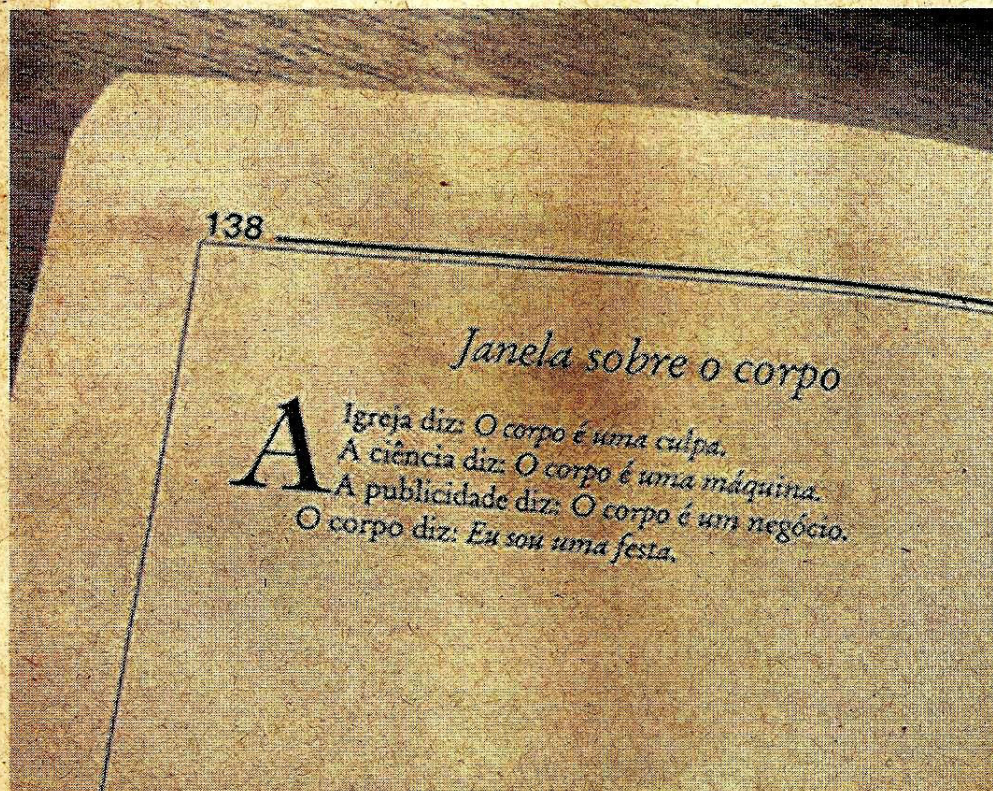
Ouviremos o grito. E o grito não pode ser escrito.

<https://www.youtube.com/watch?v=cHE22bVBGgI>

Três coisas pra mim no mundo
Valem bem mais do que o resto
Pra defender qualquer delas
Eu mostro o quanto que presto
É o gesto, é o grito, é o passo
É o grito, é o passo, é o gesto
O gesto é a voz do proibido
Escrita sem deixar traço

Chama, ordena, empurra, assusta
Vai longe com pouco espaço
É o passo, é o gesto, é o grito
É o gesto, é o grito, é o passo
O passo começa o vôo
Que vai do chão pro infinito
Pra mim que amo estrada aberta
Quem prende o passo é maldito
É o grito, é o passo, é o gesto
É o passo, é o gesto, é o grito
O grito explode o protesto
Se a boca já não dá espaço
Que guarde o que há pra ser dito
É o grito, é o passo, é o gesto
É o gesto, é o grito, é o passo
É o passo, é o gesto, é o grito.

Nós, ñande, todxs: qualquer pessoa pode fazer teatro, até mesmo xs atrizes/atores. O teatro pode ser feito em todos os lugares, até mesmo nos teatros. O-teatro vibrátil, no/pelo despertar das coisas no corpo, nas/pelas intervenções em ato, no agora afetado, fumegante, borbulhante. Na/pela coletivização das experiências – teatro grito, teatrocorpo celebração, corpo testemunho.



Vibrando com narrativas de teatros loucos - como o Ueinz e a Utu Suru Baco Smica, e a vivência sublime divinal deífica sagrada celeste sacra' do Profanações de profanar em ato qualquer adjetivo a santificar essa vivência mesma -, meu corpo (através de meus dedos nesse tecladinho) quer falar de um nosso corpo meu, convulsionando por fazer ouvir o inaudível, dar a ver o invisível, dizer o indizível, confrontar o intolerável, ser expressão ao informe ou ao caótico, e com isso remodelar o humano, desfigurá-lo, desconstruí-lo, subvertê-lo, ampliá-lo, superá-lo.

com o sangue de quem foram feitos os meus corpos

"Ao final de uma comovente peça em que xs personagens incitavam a platéia a derramar o próprio sangue pela terra, Virgílio, emocionado, convidou todxs xs presentes, especialmente xs atrizes/atores, a lutarem contra alguns jagunços pela posse de uma terra. Foi difícil, diz Boal, que entendesse que os fuzis usados em cena não eram de verdade e que aquelas pessoas eram atrizes/atores e não xs personagens apresentados. Mas uma coisa Virgílio compreendeu rapidamente: 'Então, aquele sangue que vocês acham que a gente deve derramar é o nosso, não o de vocês...?'"

localizaron el cuerpo sin vida de
sofocación. El cuerpo sin vida de
uniformó que el cuerpo sin vida de
localizaron el cuerpo sin vida de la
in hallaron el cuerpo sin vida de
cial encontró el cuerpo sin vida de dn ente
igre hallaron el cuerpo sin vida de la morac
existencia del cuerpo sin vida de un hombre
con un amigo. El cuerpo sin vida del adolescente fue sin
localizaron el cuerpo sin vida de la señora, de 49 a
la existencia del cuerpo sin vida de la mencionada se
ormente que el cuerpo sin vida pertenecía a Cham
inca, observó el cuerpo sin vida de su padre, tend
encontraron el cuerpo sin vida de un joven, de
e repente con el cuerpo sin vida de un hombre
ombero halló el cuerpo sin vida de Sandra, t
localizaron el cuerpo sin vida del morad
policía halló el cuerpo sin vida de una mu
encontraron el cuerpo sin vida del
aron ayer el cuerpo sin vida
encontraron el cuerpo sin
encontraron el cuerpo sin

... creen que murió por sofocación. El cuerpo sin vida de uno de los bebés fue encontrado en el ba
... de Merlo, ocasión en la que localizaron el cuerpo sin vida de la propietaria de uno de los departame
... de la DDI de San Martín hallaron el cuerpo sin vida del morador del inmueble, quien fue ident
... "personal del centro asistencial encontró el cuerpo sin vida de un enfermero en el interior de un baño ce
... de la Jefatura Distrital de Tigre hallaron el cuerpo sin vida de la moradora de la casa, identificada co
... os, que hacía referencia a la existencia del cuerpo sin vida de un hombre tendido a escasos metros
... e let, a la que se había arrojado con un amigo. El cuerpo sin vida del adolescente fue sacado de las aguas por bu
... investigaciones de La Matanza localizaron el cuerpo sin vida de la señora, de 49 años, que yacía en un
... urgencias 911, para denunciar la existencia del cuerpo sin vida de la mencionada señora, que yacía dentro d
... orden determinaron posteriormente que el cuerpo sin vida pertenecía a Chamorro.
... u progenitor y, al entrar a la finca, observó el cuerpo sin vida de su padre, tendido a muy pocos metros d
... vispera, cuando los pesquisas encontraron el cuerpo sin vida de un joven, de 30 años, identificado como
... ano al arroyo se toparon de repente con el cuerpo sin vida de un hombre, que según los propios pib
... primer piso. En ese sitio, un bombero halló el cuerpo sin vida de Sandra, tendida en el suelo, semi desnu
... investigaciones de La Matanza localizaron el cuerpo sin vida del morador del inmueble, el cual fue
... del último jueves, cuando la policía halló el cuerpo sin vida de una mujer joven tendido sobre la ca
... de la comisaría 1° de Moreno encontraron el cuerpo sin vida del muchacho, que presentaba un cert
... General Belgrano encontraron ayer el cuerpo sin vida de uno de los tres pescadores desap
... Comisaría 7 del citado distrito encontraron el cuerpo sin vida de un hombre de 38 años, que yacía tend
... es (4° de Florencio Varela) encontraron el cuerpo sin vida de un hombre. Los voceros dije ron

sangrando finais

Repito; diferencio - sou testemunha de minha própria formação. Minhas produções;
meus restos. Ei-los.

Todo começo começa pelo meio. Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar.

Como começa esse fim?

Coisa tão velha como andar a pé
esses vareios do dizer

Escrevo porque resto.

Após beber os mares nos surpreende
que nossos lábios continuem secos como
as praias
e buscamos outra vez o mar para nele nos molhar, sem ver
que nossos lábios são as praias e nós, o mar.

Embaixo da sola do mundo desse papel, tem uma nota de rodapé¹⁰.

¹⁰ Aquele lugar é imundo, muito menos por sujeira do que por i-mundo, fora, irreconhecível mundo e no entanto muito familiar.

Naquele lugar imundo de tantas coisas aprisionadas - sejam em masmorras escuras recôncavos bueiros ou leis, sejam em espetacularizações de si -, eu caminhava tentando manter meus olhos, altos. O céu era algum conforto possível? Sem nuvens e o hemisfério era outro, assim que nem a história nem a língua nem a terra e nem o céu de constelações outras eu compartilhava com ninguém, nenhum transeunte à minha volta - e sei que em outros longes, tão pertos que nem tanto, eu posso olhar pra alguma estrela e alguém que a olha no mesmo instante compartilha comigo o quê? mas aqui nem nada, tanto nada que nem. e com que gravetos eu fazia-os abertos, esses olhos que me punham adentro tanta imundície amarela, amarela seca, vinha mundo, vinha mundo, vinha mundo e eu

eu ia

(quatro vogais, eu ia. até porque nessas alturas um eu em apenas duas não poderia bastar, e eram as vogais que eu sabia que marcava a diferença de minha língua ali, nesses discursos rachados de consoantes)

eu ia, olhos iam, e aí veio:

foi jogado em meus braços, brusco, abrupto, e agora lembro "gosto de abrupto/parece nome de bicho/ de repente cai uma coisa/justo em cima da gente" que li algum dia no ônibus, e ele veio e se agarrou em meu pescoço, para que não caísse, e eu também para que não caísse o segurei em meus braços. E o vi. Primeiro, foram os olhos.

Eram olhos enormes, nessa enormidade soube o mundo que não havia nesse todo amarelo dos redores, o mundo estava, um mundo estava, restava, naqueles fundos daqueles olhos sem fundo, e sofria. Os



olhos que pretendo meus acredito que nunca viram tanta tristeza num
olhar só?

(pois que não era só, nunca algum "apenas" para o que entristecia ali)

e a corrente em seu pescoço tinha o peso da ausência mesma do mundo naquele amarelo imundo
amarelo sem mundo algum

grossa, espessa, algema-coleira do que é escravo e o asco que vi, asco que era do olhar meu
depositando-se, meu asco estampado naquela cara nojenta daquele homem dizendo que minha amiga
(limpa e mundo) fotografasse e lhe desse dinheiro enquanto meus olhos voltavam aos do macaco em
meus braços e desabavam no abismo que é o mundo que cabia descabia ali

eu soltei lágrimas, o macaco soltou mijo, eu soltei o macaco no chão, o homem-asco que segurava a
corrente soltou água no meu braço para tirar o mijo, eu soltei palavras vazias sobre tristeza, eu segurei
meus olhos no rosto do macaco que não soltou mais o mundo dos seus olhos pra mim, e o homem
nunca

soltou

o macaco.

tive vontade de dar nome ao macaco ao escrevê-lo agora, Abrupto, é claro, o chamaria, mas o nome é
humano, ou não, e chega de nossa imundície nesses quens que não nos pertencem e tanto não que
precisamos das correntes

não soltamos nossos macacos e precisamos prendê-los dominá-los escravizá-los para que fiquem e
façam de nossa miséria imagens possíveis

mas nunca sabemos - até porque não é e não vai ser de saber - o que fazer com tamanha imundície que
é o que somos escravizando e nos afirmando nos fazendo nos olhando mundos
humanos, abruptamente humanos

a proposta dessa escrita de conclusão é cruel mesmo

e me nos percebi monstros quando nem sabia o que escrevia e ia deixando meus escravos mijarem
palavras

e da psicologia

não sei

olhando agora do que tudo, do que nado

imensas águas

busco terra

e avisto

(sem olhar?)

a terra que vem

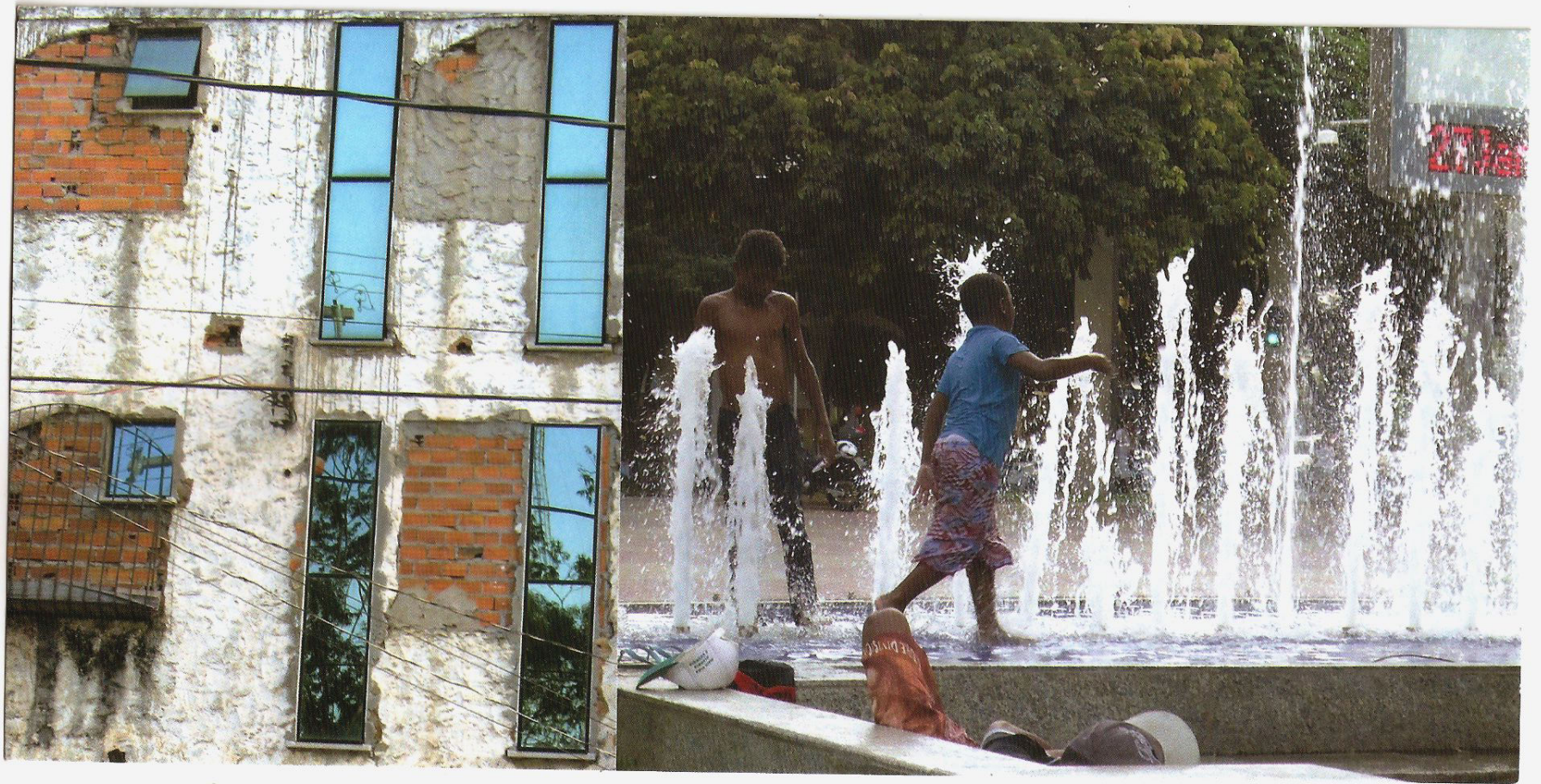
e quando chegar lá

tão limpa mas tão imunda mas tão aqui

o que eu encontrar

espero que não vire correntes nos pescoços de quem munda de quem muda de quem inunda

travessia



as cidades descaradas. cartografia do afeto. escuta que transita por frestas, bordas de sentido. enquanto atravesso a rua, você panorama. impressão de gestos, expressão do mínimo. as fontes, as cores, os erros. coisas destinadas à consumação e desaparição. aquilo que ignoramos, que rasuramos. o inabitual das coisas. em que medida estamos? tropeço. encontro um norte para chegar ao centro. até que se faça manhã.

As cidades descaradas | Viviane Gueller | 2015

Lá onde a chuva faz curva é por onde iniciamos.
Reconheço dos dias de Nazaré a casa que nos acolhe.
Seguimos o horizonte e chegamos na campanha.
Levamos conosco a planície,
retornamos entre montanhas.
Poética do encontro
Uma proposta disparadora de formas outras
de estar no mundo
de afeto, daquilo que nos afeta.
Vínculo como ação.

As cidades descaradas | Viviane Gueller | 2015

As cidades descaradas | Viviane Gueller | 2015

você sabe como se hipnotiza uma galinha?
sabe por onde andam os vagalumes?
sabe onde está?
agora?
já jogou conversa fora?
viveu um tempo de vagar?
conhece o erro como possibilidade?



referências, territórios de.

Fazer reverências, digo, referências aos outros, quem disseram coisas antes de (fazendo-nos) nós

Agamben, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Artaud, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Barros, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

Beckett, Samuel. *O Inominável*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

Benjamin, Walter. Experiência e pobreza. Em: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. (Texto originalmente publicado em de 1933).

Carvalho, Julia Dutra de; Garavello, Leonardo Martins Costa; Zanon, Regina Basso. S/t: silêncios e testemunhos. Em: Costa, Luciano Bedin da; Fonseca, Tania Mara Galli da. (Org.). *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 175-184.

Coimbra, Cecília e Leitão, Maria Beatriz Sá. Fluxos de utopia ativa: movimento zapatista, direitos humanos e psicologia. Em: Mourão, Jeanne Calhau (Org.). *Clínica e política 2: subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas*. Rio de Janeiro: Abaçar/ Grupo Tortura Nunca Mais, 2009.

Cortázar, Julio. *A volta ao dia em oitenta mundos*. Cavalo de Ferro Editores, 2009.

Couto, Mia. *Antes de Nascer o Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Deleuze, Gilles. A literatura e a Vida. In: *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

Deleuze, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Gagnebin, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

Galeano, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Hack, Lilián. *Escavar, Escrever: Buracos na Linguagem – Dos processo de criação entre a palavra e a imagem*. Porto Alegre, 2014. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Kolker, Tania. Tortura e impunidade – danos psicológicos e efeitos de subjetivação. In: Coordenação Geral de Combate à Tortura (org.). *Tortura*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, p.170-195, 2010.

Lima, Marcos Eduardo Rocha. *Três esquizos literários: Antonin Artaud, Raymond Roussel e Jean-Pierre Brisset*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.

Nietzsche, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nunes, Silvia Balestreri. *Boal e Berz: contaminações para um teatro menor*. Tese de Doutorado. PUC/SP. São Paulo, 2004.

Pedrosa, Inês. *Em tuas mãos*. São Paulo: Planeta, 2005.

Pozzer, Giovanna. *Exposição Vias Mortas*. Em: Agenda Cultural DDC-UFRGS, set/out, 2015.

Reis, Alice Casanova dos; Hernandez, Aline Reis Calvo; Galindo, Dolores; Tittoni, Jaqueline; Magiolino, Lavinia Lopes Salomão; Costa, Luis Artur; Lages, Rodrigo (orgs.). *Psicologia Social em experimentações: arte, estética e imagem*. Em: Brizola, Ana Lídia Campos e Zanella, Andrea Vieira. [coordenadoras da coleção] *Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos*. Florianópolis: ABRAPSO Editora: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015.

Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958.

Rosa, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

Sontag, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Szuchman, Karine. *Um Mergulho por Experiências Subterrâneas*. Trabalho para a disciplina Seminário de Pesquisa e Experiências Profissionais I, Profª Simone Zanon Moschen, UFRGS, 2012.

Szuchman, Karine. *Coletivo Fila: (des)organizando esperas, agenciando testemunhos*. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS, 2012.

trilhas, caminhos dos ouvidos

<https://www.youtube.com/watch?v=TAlwGw1palc&spfreload=1> (A Benim Kahve Sesli, Ince Sızim, Ballaké Sissoko & Vincent Ségal)

https://www.youtube.com/watch?v=wDC2TJRpF_0 (Do Romance ao Galope Nordestino, Quinteto Armorial)

<https://www.youtube.com/watch?v=hTN3z9DnTtQ> (I Ching, Uakti)

gracias

Às intuições - saberes ancestrais que habitam a memória viva nas células de meu corpo que com arrepios intuem e sonham.

Ao deus tempo e suas transformações pelos giros da Lua em volta da Terra, aos giros da Terra em volta do Sol, aos giros do Sol em volta do que mesmo?

À tecla N por sua desconfortável ausência no teclado do meu computador provocando pausas inusitadas e texturas diferentes.

À esta janela: nela a primavera, as nuvens do 26º andar, os urubus.

À Tia Vina, ser pessoa dela e seres milhões que hoje a somos. Tata, Arinani, KariGê, Mar Céu Cutuco, LuXamene, Entrega. Pelo lar, no maior sentido que eu conheço; um sentido que nem imaginava possível existir. Por cada bom dia infinito e infinitas paçoquinhas e sorrisos, sorrisos, sorrisos, mananciais de vida resplandescentes.

À Ju e à Fabi pela nossa guerridade de mulher. Por em nosso caminhar fazerem os calos nos meus pés, para eu não mais calar a boca, e a força nas minhas mãos, para eu poder fazer casas (e barracos) por onde mais eu caminhar.

À Gislej, pelos encontros ventanias ao meu barco à vela do compor.

Ao Lunarís, pelos possíveis em corpo, pelos devires em corpo.

À Lisara, por me ensinar a dar água a plantas no início das manhãs e no fim das tardes, me dando assim o que de mais importante eu posso retribuir ao mundo e a sua vida.

Ao Ric, por compartilhar cada um dos dias e construir comigo e em mim a força para seguirmos crescendo. Pela palavra cumplicidade, que entendo em seu pleno sentido contigo, e sinto no mais fundo do que sou, fui e vou ser que tenho o pior e o melhor de ti, como tu me tem, e assim somos quem ao nos dar a mão apertamos mais forte.

À Mwani, pela gravidez do silêncio e do Sopro. Ao Sopro, pelos amanheceres e enrocares amarelos. À Morena por me levar pra passear.

À Inha e ao Paulo, pelo aconchego de toda minha vida. Por serem a semente do que me brota hoje em estardalhaço do acreditar na vida. Por serem enormíssimxs companheirxs e as melhores pessoas que podem ser. Por serem sempre de onde eu vôo e pra onde eu volto – e muitas das penas de minhas asas.

Avós e avôs, às minhas mais velhas e os meus mais velhos, pela experiência e pelas rugas, caminhos marcados da experiência de dar vida e de viver. Por dessas marcas eu criar que linhas que caminhos que traços eu quero na minha cara.

Axs bolinhxs, pelas partes imensas de mim que vocês deixam ser em vocês. Por serem matéria viva do amor e da memória.

Ao Gui pelo teu encanto, pelo teu jeito de gostar e fazer infinito o amor do mundo nos teus olhos, e olhá-lo. E entregar-me doce.

À Jô pelas ameixas, massagens intestinais e por me ensinar a andar de bicicleta e a dançar com a força da terra.

À Isa. Por esburacar cada uma das palavras e oferecer o tudo e o nada que só atrás à frente dentro ao revés bem fora adiante ao depois do antes delas existem. Por fazer da mais linda bagunça inventada o mundo, por tropeçar no que criamos e deitarmos no céu e olharmos a grama.

À Nina, pela terra vermelha de poeira, por pisá-la, por sermos água nela e em mil ondas que afluímos.

Ao DAP, pelos deliciosos confrontamentos e deliciosas delícias e por ser delicioso aprendizado e motivo de uns 80% das minhas deliciosas faltas nas aulas.

Ao Ash, por celebrar a vida e dissolver com a simplicidade de uma folha que nasce o resto poeirento do academicismo dos meus saberes.

A Gabriel, por cada flor que brota nessa munda, por cada pássaro que canta, por se dar em mim o ser terra sem que eu nunca deixe de ser vento e que eu possa enlaçar-me raiz. Gratidão por me ensinar esse sentir em tanto de mins que nem conheço; por fazer a gratidão imensa que é o pulsar da vida morar em mim. E eu reluzir. Em todos os sentidos, o cheiro.

À galera da limpeza do Instituto de Psicologia e da cozinha do RU, por sustentar nosso espaço privilegiado de conhecimento com o trabalho de suas mãos.

dedico este escrito à bortalha. Pela transformação constante do meu mais humilde, grato e profundo amor em vegetal.

